

**Abram as cortinas:
o teatro na cidade de Fortaleza do início do século XX.**

Camila Imaculada Silveira Lima
Mestranda em História pela Universidade Estadual do Ceará
Orientador: Professor Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva

O teatro e suas perspectivas na abordagem da cidade de Fortaleza do início do século XX.

O teatro é uma obra cultural e como tal passa por critérios de interesses, que mostram o pensamento da época, sejam com os textos dramáticos, as encenações das peças, as críticas teatrais, o público ou o espaço físico. Portanto, o teatro está falando de uma cultura em uma dada sociedade num local e época (BARTHES, 2004, p. 70-71). Nesta perspectiva, propomos compreender como o teatro estava sendo pensado e praticado na cidade de Fortaleza no início do século XX, desta forma, perceber quais eram os valores que estavam sendo defendidos, como se davam os processos de mudanças na cidade e como o teatro estava inserido nos conflitos políticos do período.

Como expressão artística, o teatro possui elementos que o identificam, como por exemplo, o texto dramático, o cenário, o diálogo, entre outros, que são desenvolvidos pelos artistas e dramaturgos. Tais figuras encontraram espaços nas páginas dos jornais fortalezenses do início do século XX, onde verificamos as apreciações sobre as atuações dos artistas, o conteúdo das peças, os espaços físicos destinados a esses espetáculos e o comportamento do público, que podem ser percebidas como críticas teatrais. Os jornais são formadores de opiniões e possui um cenário de informações, nas quais são destinadas, na maioria das vezes, ao público elitizado. Portanto, os valores defendidos por esses jornais são elitizados, nem sempre atuando sobre a maioria da população, porém possuindo suas particularidades conforme o local e época que estavam sendo produzido.

Deste modo, sugerimos como fontes os jornais, que na Fortaleza dos primeiros anos do século XX estavam inseridos nos processos de transformações da cidade e dos conflitos políticos do governo acciolino¹, que davam certa personalidade nos discursos, nos quais o teatro entrava em cena. Nesse período, os principais jornais que circulavam na capital cearense eram *A Republica*, órgão oficial do governo acciolino, *Jornal do*

Ceará e *O Unitario*, jornais políticos e opositores. Tais periódicos possuíam uma tiragem diária ou três vezes por semana. Sendo que, encontramos jornais de tiragem inferior a esses citados que são relevantes a nossa pesquisa devido os seus textos mais descontraídos, como por exemplo, *O Garoto*, ou referentes a aspectos como a literatura, no caso *O Bandeirante*. Mas não é apenas nos jornais que o teatro na capital cearense está registrado, também tem espaço nas crônicas, nas quais encontramos anedotas sobre as apresentações das peças e o comportamento do público, como também registros dos teatros existentes e das companhias dramáticas originadas na cidade de Fortaleza. Nesta perspectiva, também utilizamos como fontes as crônicas, nas quais citamos as escritas por João Nogueira referente aos teatros e circos da virada do século XIX para o XX na capital cearense, Raimundo Girão com os registros dos teatros, circos, clubes, cinemas, grêmios dramáticos etc. em “a princesa diverte-se”, Otacílio de Azevedo referindo-se à inauguração do Theatro José de Alencar e Carlos Câmara com suas análises sobre o teatro no Ceará.

Nessas fontes encontramos as peças que estavam sendo encenadas nos palcos fortalezenses, nas quais muitas delas tinham como cenário a cidade do Rio de Janeiro. Esta, por sua vez, servia com referência para muitos dos redatores dos jornais fortalezenses, assim como o seu teatro. O texto dramático não deixa de ser um discurso, no qual verificamos as intenções e os valores do autor, nesta perspectiva, propomos como fontes as peças que obtiveram certo destaque nos teatros da cidade de Fortaleza. Nesta perspectiva, citamos Barthes ao falar da “lingüística do discurso” ou “translingüística”:

se chamamos de *discurso* o objeto da translingüística, (...) poderemos provisoriamente dar a seguinte definição de discurso: *toda extensão finita da fala (parole), unificada do ponto de vista do conteúdo, emitida e estruturada para fins secundários de comunicação, culturalizada por fatores outros que não os da língua* (BARTHES, 2004, p. 141).

No caso do teatro, o discurso não está apenas no texto dramático, mas como este é levado ao palco e apropriado por outros, observando que o discurso é culturalizado. Nesta perspectiva, discursos foram sendo construídos referentes ao teatro na capital cearense do início do século XX, onde observamos a própria função do teatro. Fernando Peixoto discorre sobre o conceito de teatro e propõe que:

o teatro tem uma história específica, capítulo essencial da história da produção cultural da humanidade. Nesta trajetória o que mais tem sido modificado é o próprio significado da atividade teatral: sua função social”, todavia, “mesmo sendo transformado em função do processo histórico, o teatro conserva, através dos tempos, uma série de elementos que o distinguem enquanto expressão artística (PEIXOTO, 1984, p. 11-12).

Essa função do teatro está relacionada com a atribuição de significado, que por sua vez está repleto de intenções culturais, sociais e políticas. Devido a isto, o teatro em Fortaleza dos primórdios do século XX foi ganhando sentidos diversos, portanto, não se tinha uma função social, mas sim funções sociais do teatro. Dentre estas verificamos a função civilizadora e de progresso atribuída ao teatro, que ganha outros contornos com a edificação do teatro oficial de Fortaleza, o *Theatro José de Alencar*, efetivada no ano de 1910.

“Com extraordinária concorrência”: o teatro como significado de progresso e de civilização na cidade de Fortaleza do início do século XX.

A capital cearense dos primeiros anos do século XX estava recebendo com maior frequência as companhias dramáticas oriundas de outras regiões brasileiras e Portugal, em alguns casos devido a essas irem à região da borracha, que neste período estava em crescimento, assim, recebia muitos investimentos, nos quais facilitavam a ida dessas companhias dramáticas a esta região. Assim como intelectuais e jovens da sociedade de Fortaleza estavam organizando grupos dramáticos para suas diversões, formando um corpo cênico e um corpo orquestral, pois a música era algo constante nos espetáculos teatrais desse período e novas casas de espetáculos foram aparecendo, dentre estas, o teatro oficial ou público da cidade de Fortaleza, o Theatro José de Alencar. Nesse período, a literatura dramática brasileira ganhava espaço nos palcos dos teatros da capital cearense com nomes como Arthur Azevedo e França Junior, que utilizam a cidade do Rio de Janeiro como cenário das suas intrigas amorosas, familiares, políticas e assim por diante, mas também foram aparecendo os dramaturgos cearenses, nos quais destaco Carlos Câmara, que utiliza a cidade de Fortaleza como cenários das suas intrigas, nas quais mostram os seus valores, os seus costumes e os seus hábitos.

Portanto, o teatro seguia as mudanças que estavam acontecendo na cidade de Fortaleza em meados do século XIX para o início do XX, nas quais verificamos o crescimento econômico com o comércio do algodão, a instalação de transportes

coletivos feitos por bondes à tração animal, posteriormente viria o elétrico, o pavimento do passeio público, da Praça do Ferreira e da Praça Marquês do Herval, atualmente José de Alencar, a instalação do primeiro cabo submarino, do serviço telefônico e de caixas postais. Além disso, neste período aparece o Liceu do Ceará e a Escola Normal, a Biblioteca Pública, o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia Cearense de Letras, os grupos literários, como por exemplo, a Padaria Espiritual, a Academia Francesa entre outros. Também chegava a arquitetura de ferro, que foi utilizada na construção do Mercado, na estrada de ferro de Baturité e no teatro oficial da cidade, o Theatro José de Alencar.² Outra novidade que chegava à capital cearense era o cinematógrafo, ou seja, a máquina de projeção de filmes.

O termo teatro nos remete a dois significados, nos quais temos o teatro como uma expressão artística. Mas o termo teatro também pode significar o local dos espetáculos, ou seja, o espaço físico. Neste sentido, salientamos que a Fortaleza da virada do século XIX para o XX possuía alguns teatros, nos quais citamos: o Theatro João Caetano; o Theatro Iracema; o Theatro Rio Branco; o Theatro Art Nouveau e o Theatro Polytheama, que surgiram por investimentos de empresários, mas também por iniciativas de grupos dramáticos ou sociedades esportivas, como por exemplo, o Theatro João Caetano. Este foi oriundo do Clube Atlético, que era uma sociedade esportiva formada por jovens do comércio, onde além das práticas atléticas, também organizavam seus dramas, tragédias, etc. (COSTA, 1972, p. 25-26). Estes teatros concorriam por público, assim, melhorias foram feitas, como por exemplo, no Teatro João Caetano:

Amanhã será a estréia do distinto artista que Fortaleza hospeda actualmente. O Theatro << João Caetano >> recetemente preparado para os espectaculos de Raymond, offerecerá ao publico mais agradável aspecto, melhorado como se acha por mais três esplendidos ventiladores. Dos billhetes expostos á venda na Art – Nouveau poucos restam, segundo sabemos.³

Tais melhorias eram percebidas como sinônimos de progresso⁴, assim, o teatro estava se inserindo nos anseios de progresso que verificamos nos discursos jornalísticos e nas próprias peças. Mas, as máquinas de projeção de filmes que estavam ganhando espaços nesses teatros. Desta forma, os teatros passavam a adaptarem seus espaços para receber o cinema, uma novidade que gerava concorrência, assim, falavam os jornais: “com extraordinaria concurrencia...,realisaram-se, hontem, duas magníficas sessões de cinema.”⁵ Nessas disputas por público, os preços das entradas foram variando de preços,

nos quais podemos encontrar no “Cinematographo Lumière (...) esta empresa que tão boas diversões tem proporcionado ao publico, dará hoje à 6, (...) esplendido programma. Cadeira 2\$000, geral 1\$500. Hoje!”,⁶ ao mesmo tempo que verificamos preços sendo reduzidos a \$100. (GIRÃO, 1997, p. 148). Sendo que, tais sessões de cinema muitas vezes eram acompanhadas por encenações teatrais, pois, os teatros procuravam diversificar seus espetáculos devido às concorrências no mercado.

Portanto, o progresso também chegava à capital cearense através do teatro, porém, apesar dos anseios, esse foi questionado. As disputas políticas do governo acciolino mudavam o tom acerca do progresso. Os opositoristas não eram ao contrário ao progresso, mas sim a maneira desordenada que este estava sendo praticado pelo governo acciolino, pois estava desvirtuando a moral e os bons costumes. Nas peças *As Doutoradas* de França Junior, uma das personagens afirmava:

O papel da mulher de hoje não é o da de ontem. Aquelas criaturas que viviam em casa trancadas a sete chaves, pálidas, anêmicas, de perna inchada, feitorando as costuras das negrinhas, começam por honra nossa, a ser substituída pela verdadeira companheira do homem, colaborando com ele no progresso da grande civilização moderna.⁷

Ao falar da peça *As Doutoradas*, o jornal *Unitario* expõe suas opiniões sobre o feminismo, ou melhor, a função da mulher na sociedade. Segundo o jornal, o discurso de emancipação da mulher não passa de um sonho que “muitos espíritos novos” nutrem em uma doce ilusão, na qual a mulher possa substituir o homem em todas as coisas, mas se esquecem das limitações biológicas, morais e sociais, além de definir a eterna condição de prisioneira “nos laços do amor”. Ainda acrescenta a lição de Schopenhauer, onde a mulher é posta como um ser intermediário entre o homem e a criança, fato que se consta pela força muscular e os padres até lhe negavam a alma, na qual já obteve desde o concílio de Nicéia. Depois desta última conquista, pretende agora conquistar as calças masculinas e acompanhando o homem na evolução social, mas para o jornal as mulheres deveriam contentar-se com a sua vitória no campo religioso e moral e deixar a política, jurisprudência e a medicina para os homens.⁸ Ou seja, as mulheres possuíam uma posição na sociedade, que estava sendo modificada devido ao progresso. Portanto, este sem o devido controle, ao invés de ser benéfico, poderia ser prejudicial à sociedade fortalezense. Mas este progresso que podemos perceber nos discursos jornalísticos deveria ser seguido da civilização, que:

refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como os homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma 'civilizada' ou 'incivilizada'. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização. (ELIAS, 1994, p. 23).

Portanto, o conceito de civilização está relacionado como a própria cultura onde esse está sendo pensado. Desta forma, seguindo as influências francesas e inglesas, os jornais fortalezenses empregavam e discutiam o termo “civilização”, objetivando o processo de civilização da cidade de Fortaleza e relacionando-o como o teatro. Tendo em vista isso propormos que “o conceito francês e inglês de civilização pode ser referir a realizações, mas também a atitudes ou 'comportamento' de pessoas, pouco importando se realizaram não alguma coisa”. (ELIAS, 1994, p.24). Assim, argumentava A Republica: “ser o teatro reflexo da civilização de um povo,”⁹ portanto, seja construindo os teatros, escrevendo a literatura dramática, levando as peças aos palcos, valorizando os artistas, frequentando ou comportando-se nos teatros, o povo civilizado possui um teatro civilizado e vice-versa, assim defendiam os discursos jornalísticos. Desta forma, o teatro estava sendo percebido como significado de civilização, ou seja, o teatro deveria ter a função civilizadora para a cidade de Fortaleza daquele período, pois tendo um teatro civilizado significaria que a cidade também a era. Nesta perspectiva, o teatro deveria civilizar-se para evitar episódios como este:

Hontem á noite ao theatrinho <<Rio Branco>>, onde se dava um espectáculo cinematographico, houve o que se chama um rolo, entre um filho do dono da casa, o filho do Snr. Guilherme Moreira e o septuagenário, Coronel César da Rocha, intendente desta capital. Houve entre as três partes litigantes, murros, taponas e quedas, terminando o sarilho pela prisão, que effectuou o último, do moço Mesiano, a quem applicou ainda alguns murros, quando o mettia no xadrez. (...) Deixemol-os a divertirem-se que tudo vem a ser progresso da liberdade, costumes novos, decência e gravidade dos homens da situação e governança. Até pouco tempo tínhamos duellos em brigas de dois, já agora temos triellos ou brigas de três.¹⁰

Neste caso, o jornal refere-se ao comportamento do público no teatrinho Rio Branco, onde se teve uma briga entre três indivíduos, na qual resultou na prisão de um destes. O jornal faz uma crítica a este episódio, ironizando o progresso e os novos costumes defendidos pelos “homens da situação”, afinal, o que há de progresso e

civilização em três indivíduos trocando murros e taponas? Ao mesmo tempo em que o jornal menciona que anteriormente as diferenças eram resolvidas em duelos, ou seja, não havia confusões generalizadas, pois ninguém se metia nessas brigas. Tendo em mente que a civilização também se refere ao comportamento, verificamos que os discursos jornalísticos estavam defendendo padrões comportamentais, nos quais observamos o conflito entre os costumes, os hábitos e os valores da cidade de Fortaleza com os novos costumes, hábitos e valores defendidos pelos desejos de progresso e mesmo de civilização. Ao mesmo tempo em que os opositoristas questionam sobre o progresso e a civilização, também os defendem, pois dependem das suas intenções políticas, sociais e culturais. Assim, o *Jornal do Ceará* afirma que:

Judiciosos são, sem dúvida, os desejos expostos em favor dos artistas, elemento forte e poderoso, que em todo paiz civilizado concorre com seu prestígio para a formação e organização do Estado, constituindo uma classe nobre, digna e respeitada tal qual sonha o articulista d'A Republica. (...) Os artistas, no momento actual, são impulsionados pelo nobre dever, que lhe ocorre, como a qualquer bom cearense, de pelejar pela liberdade e pelo engrandecimento da sua terra natal, não attendendo a doutrinas sedutoras, nem á liguagem, que os suggestione, importando-lhes pouco serem arrastados pela rampa de uma ideia falaz, ao abysmo das amargas decepções, ou elevados pela ladeira de um anhelos fagueiro ao cimo de glórias seguras e evidentes.

11

Portanto, no país civilizado, os artistas possuem um valor estimado, uma classe nobre e laboriosa, que enaltece a sua nação, estado e cidade, assim defendia o *Jornal do Ceará*. Mas ao enaltecer os artistas, também exalta o teatro. Porém, para esse periódico é uma pena que o governo acciolino valoriza os artistas e o teatro apenas em vésperas de eleições. Assim, o teatro também está relacionado com os conflitos políticos da capital cearense do início do século XX, ou seja, nas disputas do governo acciolino. Foi durante este período que se efetivou a construção do teatro oficial, o *Theatro José de Alencar*, no qual o governo utilizou no seu discurso de civilização e progresso para a cidade de Fortaleza e os opositoristas o questionaram.

Entra em cena o *Theatro José de Alencar*: o teatro nas disputas do governo acciolino.

Em 1902, Pedro Augusto Borges, então Presidente do Estado e correligionário de Nogueira Accioly, autoriza o subsídio de 50:000\$000 para edificação de um teatro para capital, não sendo efetivada.¹² Apenas em 1904, que Nogueira Accioly retornou ao projeto de construção de um teatro oficial da cidade de Fortaleza. Segundo os relatórios

do Estado, o Ceará estava sofrendo com os períodos de seca e o orçamento destinado às obras públicas era aplicado no enfretamento desta, assim, Accioly justificava a não efetivação da obra iniciada sob o governo de José Freire Bezerril.¹³ A lei nº 768 de 20 de agosto de 1904 autorizou a construção do teatro oficial para Fortaleza, despendendo até a quantia de quatrocentos contos de réis e permitindo o Estado realizar qualquer operação de crédito, se necessário for.¹⁴ Os argumentos em defesa da edificação do teatro foram: “da necessidade e dos resultados indiretos que as diversões artísticas podem trazer ao nosso desenvolvimento social”.¹⁵ Portanto, o teatro estava sendo percebido como uma diversão e uma atividade artística, na qual proporcionaria o desenvolvimento social, que por sua vez significaria a urgência da civilização e progresso. Ou seja, para o governo acciolino o teatro teria a função social de trazer a civilização para a cidade de Fortaleza.

Mas obras iniciaram-se somente a 06 de junho de 1908, segundo consta na pintura no *foyer* e seguiram dois anos ininterruptos. A localização foi definida ao lado do prédio da Escola Normal, não mais no meio da praça. O início das obras foi um ponto de controvérsia entre os acciolinos e opositores, o jornal *A República* escreve a 03 de junho de 1908 respondendo seu opositor Unitario: “Até agora, ao contrário do que afirmou hontem <<O Unitario>> as obras do teatro não foram iniciadas, pelo que o decrépito rábula não pode saber se o serviço vai sendo feito mediante concorrência ou não.” O jornal ainda acrescenta: “(...) dentre pessoas insuspeitas ao felicitario, o seu sobrinho Sr. Aurélio Brígido, que foi o encarregado do transporte da parte metálica do Teatro, da alfândega para o ponto em que terá de ser construído.”¹⁶ O jornal é irônico ao falar de pessoas insuspeitas, dentre estas o sobrinho de João Brígido, proprietário do Unitario, trabalhando na construção do teatro. Assim, foram sucedendo as alfinetadas entre os opositores do governo e os situacionistas em torno da construção do teatro oficial da cidade de Fortaleza nas páginas dos jornais.

Outras críticas levantadas pelos opositoristas em relação à edificação do teatro oficial são referentes ao emprego de parentes e amigos no projeto e aos gastos públicos para efetivação deste. As obras foram administradas diretamente pelo poder público, sob a direção de Raimundo Borges Filho, este genro do Nogueira Accioly e oficial do Exército. A planta geral do teatro foi projetada pelo amigo do Presidente da Província, o 1º tenente e engenheiro Bernardo José de Mello, também professor de desenho do Liceu

do Ceará e autor dos projetos do Asilo de Mendicidade e de algumas residências de Fortaleza. Assim, dizia o jornal Unitário:

(...) o snr. Accioly, (...), foi espiar à semana passada a obra do theatro, que seo genro está fazendo, ajudado de seo superior e ajudante, todavia – engenheiro capitão Bernardo. O digno sogro foi recebido por ambos á porta do edificio, que ainda não tem porta, como auelles ainda não teem carta de engenheiro. (...) fazia falta o mestre José Morcego, como o tem pretendido o *Unitário!* O velho comediante sabe mui bem o que deve ser uma casa de comedias, alem de que também trabalha em dramas, e nasceo para o palco.¹⁷

O jornal Unitário provoca o governo ao atacar Raimundo Borges e Bernardo José de Mello, mencionando que estes não têm carta de engenheiro, ou seja, foram contratados para realização da obra por serem genro e amigo da Accioly, respectivamente. Nos últimos anos do governo acciolino, as disputas políticas ficaram cada vez mais acirradas e a construção do teatro oficial se encontrava no meio deste conflito, sendo alvo de críticas dos opositoristas. O jornal Unitario, também, ironiza os gastos excessivos na construção do teatro oficial ao escrever que Accioly “sahio agradavelmente impressionado de vêr que aquillo tem deixado muito dinheiro, e promette muito mais.”¹⁸ O custo de toda a obra alcançou o valor de 553,084\$497,¹⁹ previsto inicialmente em torno de 400 contos de réis. Portanto, verificamos que as informações contraditórias, os custos elevados, o nepotismo no processo de construção do teatro oficial de Fortaleza faziam os discursos dos opositoristas questionarem a civilização e o progresso que o governo acciolina afirmava está trazendo com tal teatro, assim, a atribuição de significados ao teatro variava conforme as intenções políticas.

As obras do Theatro José de Alencar iniciaram em 1908 e terminaram em 1910, portanto dois anos ininterruptos. Sua arquitetura opulenta no período da construção destaca-se pela estrutura de ferro e pelos padrões do ecletismo, tendo como destaque a *Art Nouveau* e o Neoclássico. O Theatro José de Alencar tornou-se a uma das mais importantes casas de espetáculos da cidade de Fortaleza, recebendo grandes produções e artistas brasileiros e estrangeiros. A inauguração do Theatro José de Alencar ocorreu em 17 de junho de 1910, sob a música da Banda Sinfônica do Batalhão de Segurança e o discurso inaugural ficou a cargo de Júlio César da Fonseca Filho (COSTA, 1972, p.28). O Theatro José de Alencar pode ser percebido como um marco da cidade de Fortaleza, pois “a característica essencial de um marco viável (...) é sua singularidade, o

contraste com seu contexto ou seu plano de fundo” (LYNCH, 1997, p. 112), que também marca o governo acciolino na sua defesa da civilização e do progresso.

Nesta perspectiva, o Theatro José de Alencar foi utilizado para enaltecer o governo acciolino, sendo relacionado com as aspirações de civilização e progresso desse período, portanto, dando ao Theatro José de Alencar o sentido de civilidade, não só pela sua estrutura arquitetônica que se assemelha aos referenciais dos grandes centros europeus e da então capital federal, o Rio de Janeiro, mas também pelo próprio teatro como atividade artística. Pois conforme ao discurso, a cidade de Fortaleza ganhava um teatro, já que os existentes eram improvisados nos espaços dos clubes ou casas, assim, o governo acciolino e seus correligionários atribuíam ao Theatro José de Alencar a expectativa do desenvolvimento do teatro ao receber as companhias dramáticas oriundas de outras regiões do Brasil e Portugal e da própria capital cearense nas quais encenariam as peças que defendessem a moral e os bons costumes, além disso, incentivaria a prática de frequentar o teatro por parte da população fortalezense, que se restringia aos membros da elite formados por políticos, jornalistas, comerciantes, estudantes, intelectuais, as filhas e as esposas e assim por diante.

Notas

¹ As disputas do governo acciolino perpassam por questões republicanas, lembrando que o Brasil havia proclamado a República em 1889, nesse fenômeno republicano verificamos a presença das oligarquias, que consiste em um governo onde a autoridade se concentra nas mãos de poucas pessoas, sendo que no Brasil verificamos um governo baseado na estrutura familiar patriarcal. Oriundas do Império, as oligarquias se reestruturaram no poder no período republicano. Assim, as oligarquias estaduais elevavam o seu controle sobre os poderes locais objetivando retribuir aos poderes federais os favores e apoio aos mandatos políticos locais. Esses jogos políticos que se concentravam em interesses particularizados ficou conhecido como a “política dos governadores”. O governo acciolino ficou conhecido pelo seu caráter oligárquico, tanto que falamos em oligarquia acciolina, esta estava no centro dos muitos discursos jornalísticos da época, seja com toques de humor, seriedade ou pessoalidade, nos quais encontramos o teatro.

² LIMA, Zilda Maria de Menezes. **A cidade de Fortaleza na literatura no século XIX**. In. SOUZA, Simone, NEVES, Frederico de Castro Neves (orga). **Comportamentos**. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2002, p. 42.

³ **Jornal do Ceará**, Fortaleza, o grande Raymond, 05/06/1908, nº1908, p. 01.

⁴ Progresso aqui entendido como os avanços tecnológicos que estavam chegando à capital cearense na virada do XIX para o XX, assim como as ideias oriundas dos grandes centros europeus, especificando França e Inglaterra, e o Rio de Janeiro, dentre estas citamos a civilização.

⁵ **O Unitario**, Fortaleza, Cinemas, 09/06/1910, nº980, p. 02.

⁶ **Jornal do Ceará**, Fortaleza, Cinematographo Lumière, 05/06/1904, nº43, p.03.

-
- ⁷ Tal personagem é Manuel Praxedes, o pai orgulhoso da Doutora Luisa Praxedes. A peça conta a história desta última, na qual a personagem era uma jovem médica, que se casou com um colega dos bancos acadêmicos. Os dois competiam pelos pacientes, discordavam dos diagnósticos e nenhum queria ficar por baixo. Assim, o médico procura uma advogada para requerer o divórcio e a médica vai atrás de um advogado, mostrando a atração pelo sexo oposto. Mas a chegada do filho muda essa situação, pois a jovem médica abandona a profissão para exercer o “papel de mãe e esposa”. In, JUNIOR, Joaquim José de França. **Teatro de França Junior**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de teatro. Fundação de Arte, 1980, p. 229.
- ⁸ **O Unitario**, Fortaleza, As Doutoradas, 27/09/1910, nº1026, p. 02.
- ⁹ **A Republica**, Fortaleza, o teatro português e o teatro brasileiro, 28/07/1911, nº171, p.01.
- ¹⁰ **O Unitario**, Fortaleza, desordem, 24/09/1910, nº1025, p.02.
- ¹¹ **Jornal do Ceará**. Fortaleza, A' Republica e os artistas, 06/04/1904, nº9, p. 01.
- ¹² Lei nº698 de 29 de agosto de 1902. Encontrada no Arquivo Público do Estado do Ceará com a identificação: fundo (Governo do Estado do Ceará); série (Leis); data crônica (1899-1906); caixa (nº06); livro (nº23).
- ¹³ Relatórios do Estado do Ceará (1891-1910).
- ¹⁴ A lei nº768 de 20 de agosto de 1904 encontra-se no Arquivo Público do Estado do Ceará, APEC, sob a referência: Fundo (Governo do Estado do Ceará); Série (Leis); Data crônica (1899-1906); Caixa (nº05); Livro (nº26). Ressaltamos que alguns fundos documentais do APEC passaram por um processo de organização recente, portanto tais referências podem ter sido modificadas.
- ¹⁵ Relatórios do Estado do Ceará (1891-1910). Mensagem dirigida à Assembléia Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1908 pela Presidente do Estado Antonio Pinto Nogueira Accioly.
- ¹⁶ **A Republica**. Fortaleza, Theatro José de Alencar, 03/06/1908, nº127, p. 01.
- ¹⁷ **Unitario**. Fortaleza, Theatro, 19/01/1909, nº788, p. 02.
- ¹⁸ **Unitario**. Fortaleza, Theatro, 19/01/1909, nº788, p. 02.
- ¹⁹ Relatórios do Estado do Ceará (1891-1910). Mensagem dirigida à Assembléia Legislativa do Ceará em 1910 pelo Presidente do Estado Antonio Pinto Nogueira Accioly.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. **Inéditos vol. 1 – teoria**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- COSTA, Marcelo Farias. **História do Teatro Cearense**. Fortaleza: Imprensa da Universidade Federal do Ceará, 1972.
- ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa editorial, 1997.
- LIMA, Zilda Maria de Menezes. **A cidade de Fortaleza na literatura no século XIX**. In. SOUZA, Simone, NEVES, Frederico de Castro Neves (orgs). **Comportamentos**. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2002.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.